

# LEITE APÓS A LIBERAÇÃO

*Sebastião Teixeira Gomes<sup>1</sup>*

Em outubro completou um ano que o mercado do leite opera totalmente livre do controle de preço do governo. Neste período, o mercado viveu outra experiência pouco comum, qual seja o excesso de produção em relação ao consumo. Ainda que sejam acontecimentos de grande importância para a pecuária leiteira nacional, a associação entre eles é muito frágil. Este artigo objetiva examinar questões relacionadas tanto com a liberação do preço quanto a crise atual do mercado do leite

## 1. CAUSAS DA CRISE DO MERCADO

O desequilíbrio do mercado de leite tem causas tanto do lado da oferta quanto da demanda. No que se refere a produção pode-se destacar os seguintes fatores que foram favoráveis à sua expansão: a) O clima deste ano nas regiões sudeste, centro-oeste e sul foi bom para as pastagens, com muitas chuvas e bem distribuídas. Além disto, o período frio começou tarde e acabou cedo, o que também é benéfico para a produção de leite; b) O preço do leite no primeiro semestre deste ano foi 16% maior, em valores reais, que o preço deste período no ano passado. Após a liberação os produtores conseguiram recuperar, pelo menos em parte, as defasagens provocadas pelo tabelamento; c) Outras atividades agropecuárias apresentam, neste ano, baixa lucratividade, empurrando o agricultor para o leite. Isto aconteceu especialmente no primeiro semestre de 92, quando os preços dos grãos não acompanharam a inflação.

Em razão daqueles fatores, estima-se para 92 a taxa de crescimento da produção de leite entre 3 a 4%, enquanto o crescimento dos últimos dez anos foi, em média, 2,44% a ano. Além do maior crescimento da produção, a oferta foi também afetada pelas importações de derivados lácteos realizadas em 91 e internadas em 92 e, pela retração dos queijeiros, sendo o leite desviado para o consumo "in natura".

---

<sup>1</sup> Professor da UFV e consultor da EMBRAPA. Escrito em 02-11-92, exclusivo DBO-Rural.

Do lado da demanda, contribuíram para sua retração, a recessão econômica e a redução das compras de leite em pó pelo governo. A forte recessão econômica por que passa o país reduziu muito o poder de compra do consumidor. Tal redução manifesta com mais intensidade nos derivados do leite, sendo bem menor no leite fluído. Entretanto, a retração no consumo de derivados rebate no mercado de leite fluído, porque o leite não industrializado vai para o consumo "in natura". Em dez anos o poder de compra do consumidor caiu pela metade. No final dos anos 70, com um salário mínimo comprava-se 360 litros de leite e, neste ano, em média, compra apenas 150 litros.

No período de 1987 a 90, o governo foi o principal comprador de leite, para seus programas sociais. A partir do ano passado estas compras foram reduzidas, significativamente, o que muito contribuiu para desequilibrar o mercado. Naquele período\_ as compras representavam 12% da produção total e, neste ano, o governo não comprou nem o equivalente a 1% da produção.

## **2. COMPORTAMENTO DO PREÇO DO LEITE**

O preço do leite sempre foi uma das principais variáveis na análise econômica do setor leiteiro. Por isto, é interessante examinar seu comportamento neste primeiro ano em que não foi controlado pelo governo. Na ausência do tabelamento o preço é definido nas negociações entre produtor e consumidor. Como já era esperado, pela própria estrutura do mercado, com poucos compradores e muitos vendedores e, também pela melhor organização política dos compradores, eles têm maior peso na definição do preço. No caso das cooperativas a maior força é da Central, restando poucas margens de manobra para as singulares.

Em razão do maior poder aquisitivo dos consumidores e da melhor organização política dos produtores, no mercado de São Paulo os preços recebidos pelos produtores são os mais elevados do país. Aliás, o preço recebido pelo produtor, a margem de comercializado e o prazo de pagamento dependem da existência ou não da concorrência entre compradores e da organização política dos produtores.

O exame dos dados da Tabela 1 mostra que os preços cresceram de outubro de 91 a maio de 92 (37%) e, decresceram de maio a outubro de 92 (39%). Isto significa que os

---

preços cresceram no período das águas e decresceram no da seca. Como resultado deste comportamento de subida e descida, o preço real de outubro de 92 é igual ao de outubro de 91. A diferença é que a partir de outubro de 91 os preços iniciaram uma reação significativa, enquanto, tudo indica que nos próximos meses o preço cairá ainda mais.

Tabela 1 - Preço recebido pelo produtor de leite C e relação entre o preço e o custo de produção

Ano/mês	Preço (1) (Cr\$/l)	Preço/Custo (2)
<b>1991</b>		
Outubro	1.540,00	0,95
Novembro	1.667,00	1,11
Dezembro	1.676,00	1,02
<b>1992</b>		
Janeiro	1.497,00	0,77
Fevereiro	1.595,00	0,79
Março	1.800,00	1,00
Abril	1.886,00	1,15
Maiο	2.106,00	1,18
Junho	1.985,00	1,08
Julho	1.793,00	1,01
Agosto	1.582,00	0,91
Setembro	1.585,00	0,84
Outubro	1.510,00	0,80

1) Valores corrigidos pelo IGP para outubro 92 do leite cota-consumo.

2) Custo de produção de leite C, baseado na planilha da EMBRAPA/CNPGL.

A elevada inflação que permaneceu neste ano provoca dois efeitos em relação ao preço do leite. O primeiro é a perda de renda do produtor pelo atraso do pagamento. No início do ano a prática de pagamento quinzenal era generalizada, mas a partir de setembro muitas usinas voltaram o pagamento mensal, ampliando as perdas do produtor.

O segundo efeito diz respeito a confusão que se estabelece nas comparações entre o custo de produção, (geralmente baseado na planilha da EMBRAPA) e o preço do leite. Quando a planilha é divulgada, com preços de insumos e serviços referentes ao dia vinte de um determinado mês, o produtor acabou de receber o pagamento do leite que ele entregou no mês anterior. A comparação é inevitável e errada, porque custo e preço devem ser comparados quando se referem ao mesmo mês e ao mesmo dia. Outra confusão que as vezes acontece diz respeito a comparação do custo, calculado para um determinado dia, com o preço médio de um mês. O comparável é o preço médio de um mês com o custo médio deste mesmo mês.

### **3. PROPOSTAS PARA SAIR DA CRISE**

Diante da crise atual do mercado de leite as lideranças do setor têm reivindicado do governo a compra de leite em pó, aproximadamente 30 mil toneladas, e a Confederação Nacional da Agricultura lança uma campanha para aumentar a venda de leite. Além destas duas propostas, três outras deveriam ser implementadas, objetivando estruturar melhor o mercado do leite.

A primeira proposta diz respeito ao contrato de fornecimento de leite entre produtor e comprador. No Brasil já existem experiências bem sucedidas, com prazo de validade de um a cinco anos. Por este contrato o produtor se compromete a entregar uma cota diária de leite e, o comprador a pagar um certo percentual do preço a nível de consumidor.

A segunda proposta refere-se ao sistema de informações de mercado. Depois de quase meio século de preço tabelado, o mercado livre começa a engatinhar e, o sucesso desta nova fase depende muito de informações tais como: custo de produção, preço do leite nas principais bacias leiteiras, estoques de derivados lácteos, importações, exportações, preços internacionais e estimativas de produção e de consumo. A informação é importante arma na negociação e, existem evidências que as negociações mais vantajosas ocorrem onde produtores e compradores dispõem de mais e melhores informações. Governo e iniciativa privada devem se unir para melhorar o atual sistema de informações que é muito deficiente.

A terceira e última proposta refere-se a inclusão do leite na política de preços mínimos. Dificilmente o mercado de leite será bem estruturado sem uma política que

assegure maior estabilidade de preço, condição básica para a modernização da pecuária leiteira.

#### **4. LIÇÕES DA CRISE**

A partir dos argumentos apresentados, a pergunta que permanece é a seguinte: apenas as forças de mercado serão capazes de construir um eficiente sistema de preço do leite? As evidências deste ano indicam que não, visto que os preços praticados caminharam no sentido contrário à modernização da pecuária, favorecendo o safrista e penalizando os autênticos produtores de leite. Isto significa que para a implantação de um eficiente sistema de preços, que realmente contribua para o aumento da produtividade, não se pode prescindir da intervenção do governo. Não daquela intervenção baseada no tabelamento do preço do leite como aconteceu nos últimos tempos, mas sim de uma intervenção que venha assegurar preços estáveis e estimuladores a modernização. A pecuária leiteira nacional só poderá desempenhar bem seu papel no processo de desenvolvimento econômico se privilegiar os autênticos produtores e, para isto, o sistema de preço é peça chave.